

## Implicação morfossemântica da categoria 'género' dos nomes bantu no português falado em Luanda

Daniel Peres Sassuco\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0003-0965-0483>

### RESUMO

A presente abordagem descreve a implicação morfossemântica da categoria 'género' dos nomes bantu no português falado em Luanda é uma constatação quotidiana que, para ser concretizada recorreu-se à indução e observação direta para além da técnica bibliográfica e descrição contrastiva. Obviamente, o convívio secular das línguas bantu e o português faz com que os cidadãos de Luanda, sobretudo, falantes em simultâneo do português e uma língua bantu de Angola ou khoisan, não tenham dificuldades queira de entender queira de utilizar as expressões 'filho de mulher', 'filho de homem', 'avô de homem' ou 'avó de mulher' cuja origem é das línguas bantu para simplesmente significar em português 'o filho/a filha', 'o avô/a avó'. Por isso que em bantu, o género distintivo para o masculino e o feminino é apenas marcado em nomes humanos e animais cujo critério é natural, ou seja, o sexo. Ao passo do português que utiliza os dois critérios: natural e gramatical.

### PALAVRAS-CHAVE:

Categoria De Género; Morfossemântica; Línguas Bantu; Português; Angola.

## Morphosemantic implication of the 'gender' category of Bantu names in Portuguese spoken in Luanda

### ABSTRACT

This approach describes the morphosemantic implication of the 'gender' category of Bantu names in Portuguese spoken in Luanda is an everyday observation that, to be implemented, induction and direct observation were used in addition to the bibliographic technic and contrastive description. Obviously, the centuries-old coexistence of the Bantu, khoisan and Portuguese languages means that the city dwellers of Luanda, especially speakers of portuguese and the Bantu or Khoisan languages at the same time, do not have any difficulties in understanding or using the expressions like as 'filho de mulher', 'filho de homem' ou 'avô de homem', 'avó de mulher' whose origin is from the Bantu languages to simply mean in Portuguese 'o filho, a filha', 'o avô, a avó'. That is why in Bantu, the distinctive gender for masculine and feminine is only marked in human and animal names whose criterion is natural, whatever, the sex. Unlike portuguese, which uses two criteria: natural and grammatical.

### KEYWORDS

Gender Category; Morphosemantic; Bantu Languages; Portuguese; Angola.

---

\* Professor Auxiliar da Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto. Licenciado e Bacharel em Pedagogia Aplicada em Francês-Linguística Africana pelo Instituto Superior Pedagógico (ISP) de Lubumbashi na República Democrática do Congo. Mestre em Tratamento de Informação e Comunicação Multilingue pela Universidade Autónoma de Barcelona de Espanha. Doutor em Linguística Geral, especialidade de Linguística Africana pela Universidade Atlântica Internacional dos Estados Unidos da América e Doutorando em Língua, Cultura e Sociedade na Universidade Zambeze, de Moçambique. E-mail: [dperesasuku@gmail.com](mailto:dperesasuku@gmail.com)

## **UHIHISO**

Cisoneko aci cinahanjika kutwala ha kulipanda ca cihanda ca ‘ulunga nyi uphwo’ wa majina mu phutvu akwiza mu majina amalimi acisemwa mu Angola. Kucapwa kulingiwa hamutelo wakutalatala ca tangwa ha tangwa nyi kushishika ca kutangatanga nyi kuhunana ca majina aco. Camwenemwene, kutwama ca malimi a wutvu, a khoyi nyi phutvu cacaneha kuliseleka ca malimi mummyakhulula nyi myakhulula ya myaka ndo musono. Ulunga nyi uphwo mumalimi a mu Angola wakulingiwa wikha mumajina a atvu nyi a tvushitvu, cinalumbuka ngwo wikha atvu akwe ulunga nyi uphwo, nawa tvushitvu akuhandvununa ukhuji nyi ucihwo, mba majina a yuma yeswe kashikuhandvununa ilayi yino. Mba mulimi lya phutvu majina eswe a atvu, a tvushitvu nyi yuma eswe kakuhandvununa ilayi ino ya ulunga, uphwo, ukhuji nyi ucihwo cipwe yuma yize kuyakwetele we ulungaliso. Keshika, akwa kuhanjika malimi ayisemwa nyi phutvu hamuwikha kakutongola majina wano ‘mwana wa phwo’, ‘mwana wa lunga’, ‘khakha wa phwo’, ‘khakha wa lunga’ alioze mukwa phutvu wika keshi kuhasa kucinyingika nyi kashikuhanjika limwe limi lya cisemuko ca Angola.

## **MALIJI ALEMU**

Cinyingi Ca UInga Nyi Uphwo; Maliji Nyi Ulumbunwiso; Malimi Awutvu; Phutvu; Angola.

## **Introdução**

Angola apresenta, no plano sociolinguístico, um quadro multifacetado quanto às línguas e culturas. Nesta perspectiva distinguem-se línguas de origem não-bantu, de origem bantu e de origem indo-europeia. A primeira corresponde à família khoisan, a segunda refere-se à família Níger-Kongo cujo grupo bantu é predominante e, por último, o ramo neolatino do qual provém a língua portuguesa (adiante, LP). As línguas bantu (doravante, LB) são maioritárias e a sua população predomina em termos da cultura, isso faz com que, as línguas bantu tenham grande influência no modo de falar o português em todo o espaço angolano.

Na presente abordagem sobre a Implicação Morfossemântica da Categoria, o caso do género dos substantivos das línguas bantu no português falado em Luanda é, somente, um dos casos concretos resultante do contato de línguas bantu e o português como língua oficial e de escolarização. Nas nossas aulas de Introdução à Linguística Bantu, no curso de Língua e Literaturas em Língua Portuguesa, junto dos nossos estudantes, bem como junto das populações na província de Luanda, temos observado essa implicação que motivou a escolha deste tema, por ser um facto do falar quotidiano.

A nossa preocupação científica consiste em saber qual a origem desta implicação no falar de Luanda. Procuramos, ao longo do estudo, identificar e analisar a implicação do género das LB no português falado em Luanda, que são os principais objetivos deste estudo. Neste sentido, apegamo-nos à dedução e indução enquanto recursos metodológicos, que serviram de apoio para a pesquisa de campo, observação direta, pesquisa bibliográfica e descritiva com pendor contrastivo. Apresentamos, nesta abordagem, a introdução sumária do estudo, a fundamentação teórica para o

esclarecimento de conceitos de base e documentar uma ideia teórico-científica de precursores na área, terminando pela análise dos factos da categoria “género” de nomes bantu e sua implicação no português falado em Luanda.

## 1. Fundamentação teórica

Reservamos este momento à explicação de alguns conceitos operacionais e de interesse para o estudo, a saber: género, lexema, género natural, género gramatical, nome e semântica prototípica.

### 1.1. Género

Várias são as concepções para o conceito de género. Nas línguas de origem latina, por exemplo, o género remete para o traço semântico que opõe o masculino do feminino. Para as línguas de origem Bantu, o género não se refere exclusivamente à diferença de masculino e feminino, mas, sobretudo, à indicação de pares de classes, opondo os prefixos para a categoria de número (singular e plural) dos substantivos. Mas também, nessas línguas, se pode distinguir o género feminino e masculino, recorrendo a um grupo de substantivos bem especificados.

Desta concepção, a palavra género “deriva etimologicamente do Latim *genus* (...), que originalmente significava ‘tipo’.” (CORBETT, 1991:1). Nesse sentido, a atribuição de género aos substantivos ocorre de maneira distinta, dependendo do sistema, ou seja, da língua em questão. O género, na nossa discussão, quer para a LP, quer para as LB faladas em Angola, refere-se à categoria morfossemântica que identifica o género masculino e feminino no falar do português em Luanda. Sendo assim, esta questão requer uma atenção de ordem descritiva para se perceber a sua lógica. Na perspectiva semântica, é um traço; na perspectiva morfológica, é um morfema; na sintática, é uma categoria flexional. Lagarde (1996: 3) diz: “a categoria de género analisa a síntese histórica que está entre o biológico, o económico, o social, o jurídico, o político, o psicológico, o cultural; implica o sexo mas não esgota por aí as suas explicações”

Esse pensar convida-nos para juntarmos à ideia exclusiva do campo da morfossemântica, repensado por um número vasto de linguistas nesses termos: Género tem sido considerado “um tema tradicional na linguística” (Unterbeck; Rissanen 2000), e Matasović (2004) chama-o de “a única categoria gramatical que sempre evoca paixão”. Corbett (1991) afirma que género “é a mais enigmática das categorias gramaticais”. Consequentemente, há uma literatura significativa sobre género nos estudos

sociolinguísticos (cf.: Lucchesi 2000, 2009, Karim 2004, Aguilera; Navarro 2009, Bismarck Lopes, 2014, para o português; Hellinger; Bußmann, 2001, para uma grande variedade de outras línguas), nos estudos de aquisição e processamento de género (cf.: Franceschina, 2005, Correia; Name, 2003), nos estudos da tipologia dos sistemas de género (cf.: Corbett 1991), e nos estudos diacrónicos sobre desenvolvimento e perda dos sistemas de género (cf.: Matasović, 2004).

Os autores acima tiveram a possibilidade de visitar o traço género em variadas línguas, das quais a língua portuguesa é parte integrante. Porém, não se leu nenhuma obra sobre o género em línguas Bantu. Para nós e nesta discussão, a versão da abordagem inscreve-se no âmbito descritivo, que desvenda o uso do traço “género” na língua portuguesa, falada nestas paragens e dada à diversidade cultural e linguística, constatada em Luanda. Certamente, um olhar atento às LB em convívio com a LP, para justificar as implicações de marcação do género no falar quotidiano dos habitantes de Luanda, para representar as várias populações de todos os cantos de Angola.

Kramer (2015) *apud* Carvalho (2018:2), "o género é a distribuição dos nomes em duas ou mais classes, como refletido na concordância morfológica nos determinantes, adjetivos, verbos e outras categorias sintáticas". À nossa vista, essa definição inclina-se mais para a realidade das línguas de grupo latino e não de grupo Bantu. No primeiro grupo, o género é um afixo (morfológico) e lexema (semântico) e, no segundo grupo, entende-se pelo género um lexema (semântico), portanto, a opção de afixos não se aplica.

**Quadro 1:** Traços em português

Traços	Animados	Não animado
Nomes	Filh <u>o</u> /filh <u>a</u> (i)	<u>o</u> cinto/ <u>a</u> mala (iii)
	Gat <u>o</u> /gat <u>a</u>	<u>o</u> dedo/ <u>a</u> mão
	Cobra <u>macho</u> /Cobra <u>fêmea</u> (ii)	

Podemos observar nos exemplos do quadrinho que (i) tem oposição em género trocando o sufixo –o por –a e opõem assim o género para o nome animado. Assim acontece com (ii) animado com nome genérico usa-se um lexema para a oposição de género por quanto em (iii) os inanimados, a oposição é feita através os determinantes.

**Quadro 2** : Traços das Línguas Bantu

Traços	Animados	Não animado
Nomes	Mwana <b>wa lunga</b> “menino” (i) Mwana <b>wa phwo</b> “menina”	Mungwa “sal” (ii)

Em contraste com o que acontece em LP, nas LB, o género é somente marcado nos substantivos com o traço [+animado], ou seja substantivos indicativos de seres humanos ou animais cujo sexo é identificado. Assim, (i) tem nome genérico cuja diferença recorre aos lexemas referentes ao sentido de “mulher e homem” como é o caso dos lexemas “*lunga* e *phwo*”, da língua Cokwe, funcionando como determinantes para os substantivos determinados.

## 1.2. Lexema

Para Gallisson e Coste (1983:430), em linguística, o lexema é unidade lexical com duas faces (forma e conteúdo), ou signo mínimo de natureza não gramatical. Para uma melhor compreensão, o lexema é uma unidade plena de sentido a nível lexical que se destina a designar com naturalidade um ser ou objeto com ideia completa. Para Pottier (1965); Lyons (1968), o primeiro considera lexema como morfema lexical que implica a existência do morfema gramatical, que lhe está associado no discurso; o segundo, o lexema é uma unidade virtual que se realiza sob a forma de “palavras” no discurso. Nesta ordem de ideias, o género pode utilizar afixos ou lexemas.

Em língua portuguesa recorre-se aos lexemas *fêmea* e *macho* para os nomes epicenos e para outros nomes os afixos sufixados *-a /-o* opondo o feminino do masculino respectivamente. Nas línguas Bantu de Angola, emprega-se os lexemas: *lunga/phwo* (Cokwe); *diyala/muhatu* (Kimbundu); *yakala/kento* (Kikongo); *ulume/ukāyi* (Umbundu). Esses lexemas funcionam como determinantes a um nome de traço humano para significar masculino e feminino respectivamente. Nestas mesmas línguas, os nomes de animais com traço mais sexuais recorrem aos lexemas: *khuji/cihwo* (Cokwe); *ndumbe/mukaji* (Kimbundu); *yulume/yukayi* (Umbundu). Esses lexemas marcam o género de nomes animais epicenos, para além de nomes cujo oposto é obtido por uma palavra diferente. É o caso seguinte:

(3) LP

LB

Pai/mãe *Tata/mama; Sê/ngudi; Tate/meme* (G<sub>N</sub>)

Boi/Vaca *Kasumbi/Ndemba; Dikolombolo/sanji* (galo/galinha), etc.

### 1.3. Género natural

Nessas LB, há apenas duas possibilidades de valor para se assumir o traço de género masculino e feminino. Há, portanto, duas marcações de género possíveis de serem aplicadas a todos os nomes, mas apenas em um subconjunto de nomes, os que possuem os traços [+humano], [+animal], [+animado], [+sexuado], género gramatical pode ser associado a um género natural – *macho/masculino* e *fêmea/feminino*. Como acima demonstrados os lexemas, aqui, pretendemos destrinçar a noção de género natural o que é em oposição ao género gramatical.

É chamado género natural aquele baseado no critério de sexo. Neste caso, esse género afeta os nomes que designam os seres humanos e seres animais detentores do sexo para além de serem animados (AZEREDO, M. et al., 2015:174). O género natural, em língua portuguesa, pode coincidir com o género gramatical no caso de nomes humanos que usem os afixos, como em *menin-o/-a* por ter o traço humano, mas o que não é possível em *bol-o/-a* que não tem o traço animado e humano e desemboca em diferentes sentidos.

(4) LP

LB

Pastor (M<sub>N</sub>)

Kafunga **walunga** (M<sub>N</sub>)

Pastora (F<sub>N</sub>)

Kafunga **waphwo**. (F<sub>N</sub>)

Filho (M<sub>N</sub>)

Mwana **yakala** (M<sub>N</sub>)

Filha (F<sub>N</sub>)

Mwana **kento** (F<sub>N</sub>)

### 1.4. Género gramatical

Pelo senso-comum de que género gramatical refere-se em qualquer caso à noção (ou traço semântico) de sexo, estudos apontam para uma complexidade muito maior dessa categoria, havendo sistemas que utilizam o género para atribuir características variadas aos nomes além de sexo. O género, pois, adquire a função de parrear as palavras entre masculino e feminino no sistema, estando a palavra ligada ao sexo ou não. Nos nomes que designam seres inanimados, ou seja, objetos, o género é imposto pela própria língua de forma arbitrária, é isto o género gramatical (AZEREDO, M. et al., 2015:175). Em conformidade com Corbett (1991: 1), essa correlação generalizada que se

faz de género gramatical com sexo, em parte está correta, mas, com frequência, o género gramatical não se relaciona a sexo.

Esta realidade é plausível para a língua portuguesa. Nas línguas Bantu, o género gramatical não é funcional pelo facto de o critério sexuado ser escrupulosamente determinante para o género. Por este e outros aspectos de ordem cultural, os nomes de objetos são imunes de serem aplicados ao género.

(5) LP

LB

a porta (F<sub>G</sub>)

cikuto, kinkutu, mbinza “camisa” (G<sub>∅</sub>)

Nota-se, nesta perspectiva, que o nome “porta” assim como os de LB “cikuto, kinkutu, mbinza” não possuem sexo. Por esta razão teriam ficado, sobretudo, o nome “porta” sem marcação do género como em LB. Isso porque, nas LB o género gramatical, por sinal arbitrário, não existe; razão pela qual, os nomes de objetos não contemplam o quesito género.

### 1.5. Nomes

Em linguística, o nome é uma classe de palavras variáveis e abertas, com a qual se designam os seres, coisas, sentimentos, espaços, etc. O nome é assim chamado por dar significado a substâncias, sejam concretas e palpáveis, sejam apenas mentalmente apreendidas como substâncias, tais como nomes, qualidades, estados, processos, entre outros (MIGUEL e ALVES, 2016: 267). Isso implica, também, reconhecer que o nome é variável em número, género e grau. Destas categorias do nome, o nosso olhar atento vai ao género para averiguar seu funcionamento no falar do português local em convívio com as línguas bantu. Decerto, o género de nomes é um dos universais linguísticos, isto é, capaz de estar em todas as línguas naturais mas, tendo um funcionamento diferente e distinto segundo a tipologia e família de línguas.

### 1.6. Semântica prototípica

A este nível, a semântica de traços, com início a traços binários da Fonologia (Escola de Praga, 1920, 1930, Estruturalismo), utilizou os traços semânticos como componentes do significado. Podemos entender que a categoria de “género” como alvo de nossa análise nos substantivos é um traço inequívoco que só é assim percebido quando está junto dos outros. Por isso se diz que a categoria depende de um conjunto fixo de condições ou recursos, em que cada condição é absolutamente necessária e,

essas são binárias (sim ou não), porque a associação à categoria é um problema binário. Também, as categorias têm limites claros e todos os membros de uma categoria possuem igual *status*. Desta maneira, os traços “[Feminino] e [Masculino] serão suficientes quando serem associados aos traços [Humano]; [Animal]; [Objecto]; [Concreto]; [Abstracto], de acordo com o modelo aristotélico de Condições Necessárias e Suficientes (NSC). (BUSCH e STENSCHKE, 2014: 69).

## 2. Análise morfossemântica

Esta discussão vai obedecer ao agrupamento de traços fundamentais de cada grupo de substantivos para melhor situá-los e permitir a coesão de comentários que se impõem a cada grupo. Assim, seguiremos a ordem, nomes de objetos, nomes de animais e, finalmente, os nomes humanos.

### 2.1. Nomes de objetos

Os nomes de objetos podem ser agrupados em subcategorias de concreto-contável, concreto não-contável e abstrato.

#### a) Concretos-contáveis:

##### (6) LP

a porta (F<sub>G</sub>)

a cama (F<sub>G</sub>)

a rolha (F<sub>G</sub>)



LB

*cikolo* “porta” (G<sub>∅</sub>) Cokwe

*hama* “cama” (G<sub>∅</sub>) Kimbundu

*cifuko* “tampa” (G<sub>∅</sub>) Cokwe

Consta que em (6), os nomes de LP possuem o género feminino gramatical cujo critério de “feminismo” não é determinado pelo objeto indicado. Em LB, no referido exemplo (6), os nomes mostram que o género é zero (G<sub>∅</sub>), porque todos os nomes se referem aos objetos e não possuem sexo. As LB conservam inalteradamente o critério “sexo” para qualquer tentativa de traços género. Isto é, se o nome é concreto, logo é visível e o sexo também seria visível para a determinação do género.

##### (7) LP

o prato (M<sub>G</sub>)

o livro (M<sub>G</sub>)

o machado (M<sub>G</sub>)

LB

*elonga* (G<sub>∅</sub>) “prato” Umbundu

*mukanda* (G<sub>∅</sub>) “livro” Cokwe

*njimbu* (G<sub>∅</sub>) “machado” Cokwe

À semelhança do descrito acima, o género masculino marcado nos nomes concretos em LP é fundamentado pela escolha arbitrária, devido à ausência do sexo nesses objetos. De facto, nada prova, realmente, que os objetos de que se trata são, efetivamente, masculinos. Nesse contexto, as LB congregam determinado consenso, de não marcar o género nesses substantivos, por não possuírem o sexo.

## 2.2. Nomes concretos não-contáveis

Em princípio são nomes comuns e concretos cuja característica é não-contável, mormente, aqueles que designam as massas, os líquidos, os grãos, areia e realidades parecidas.

(8)	LP	LB	
	o sague (M <sub>G</sub> )	<i>manyinga</i> (G <sub>∅</sub> )	Kimbundu
	o sal (M <sub>G</sub> )	<i>omongwa</i> (G <sub>∅</sub> )	Umbundu
	o azeite (M <sub>G</sub> )	<i>maji</i> (G <sub>∅</sub> )	Cokwe
	a água (M <sub>G</sub> )	<i>Omeva</i> (G <sub>∅</sub> )	Oshikwanyama

Em LP todos esses nomes apresentam um género e são sustentados por um determinante. Nesse grupo de substantivos, em LP, uns são masculinos e outros são femininos arbitrários, porque assim o determina a gramática. Ao contrário, as LB mantiveram o seu critério e expressam nulo género para esses substantivos de massa, líquido (...) por serem não-contáveis mas sobretudo não tendo sexo.

## 2.3. Nomes abstractos

Rocha, A. (1997:3), os nomes abstratos designam, por oposição aos concretos, qualidades, sentimentos, estados, e características não palpáveis. Estes traços de especificação de nomes abstratos são transversais para todas as línguas. Por isso, em LP e em LB os nomes abstratos apresentam as mesmas características semânticas, mas opostas em categoria de género. Alguns exemplos:

(9)	LP	LB	
	a glória (F <sub>G</sub> )	<i>uhenya</i> (G <sub>∅</sub> )	Cokwe
	o desejo (M <sub>G</sub> )	<i>luzolo</i> (G <sub>∅</sub> )	Kikongo
	a viagem (F <sub>G</sub> )	<i>ungende</i> (G <sub>∅</sub> )	Umbundu
	a amizade (F <sub>G</sub> )	<i>ukamba</i> (G <sub>∅</sub> )	Kimbundu

Como acima descrito, os nomes abstratos em LP pertencem a um género escolhido aleatoriamente, ou seja, arbitrariamente. Isso se deveu à falta do quesito sexo; deste modo, entende-se que nada prova que um nome abstrato cuja característica [não palpável] é preponderante e tenha um género. Não há bases para provar a existência do género em um nome abstrato. Em LB, esses nomes nunca têm o traço semântico de género, por isso o (G $\emptyset$ ).

#### 2.4. Nomes de animais

Os nomes dos animais designam seres animados e sexuados. No entanto, não existe a mesma percepção para a marcação do género. Em LP, todos os animais e porque são animados e, sem às vezes, visibilidade do sexo, têm o género. Esse género na maioria de casos é atribuído gramaticalmente e pode ser também natural e aí coincide. Nas LB o género em nomes de animais é marcado para os que possuem o sexo e que seja visível. Aos nomes de animais genérico ou de espécies cujo sexo não é visível, é mesmo difícil de determinar o género do animal aludido.

(10) LP

o gato (M<sub>N</sub> e M<sub>G</sub>)

o pato (M<sub>N</sub> e M<sub>G</sub>)

o galo (M<sub>N</sub> e M<sub>G</sub>)

o serpente (M<sub>N</sub> e M<sub>G</sub>)

o zângão (M<sub>N</sub> e M<sub>G</sub>)

o carneiro (M<sub>N</sub>)

o crocodilo *macho* (M<sub>N</sub>)

a gata (F<sub>N</sub> e M<sub>G</sub>)

a pata (F<sub>N</sub> e F<sub>G</sub>)

a galinha (F<sub>N</sub> e F<sub>G</sub>)

a serpente (F<sub>N</sub> e F<sub>G</sub>)

a abelha (F<sub>N</sub> e F<sub>G</sub>)

a ovelha (F<sub>N</sub>)

a crocodilo *fêmea* (F<sub>N</sub>)

Os exemplos acima mostram a ocorrência do traço género em nomes dos animais. Constata-se que todos os nomes possuem um género quer natural ou gramatical. Em princípio, correspondem ao verdadeiro género, aqueles que têm o sexo visível, ou seja, natural. Vários casos confundem-se entre o género gramatical e natural pelo simples facto que os traços a considerar coincidem. Em LP estamos em presença de nomes que apresentam radicais diferentes para o masculino e para o feminino (*zangão/abelha*, *carneiro/ovelha*); comuns de dois (*o/a serpente*) e nomes epicenos, nesse caso de nomes de animais. Apenas o último caso (*crocodilo macho/crocodilo fêmea*) retrata a ideia daquilo que se passa em LB, isto é, o caso de nomes epicenos.

(11) LB

<i>kameshi</i> [wa khuji] (M <sub>N</sub> )	<i>kameshi</i> [wa cihwo] (F <sub>N</sub> )	gato/a
<i>phembe</i> [wa khuji] (M <sub>N</sub> )	<i>phembe</i> [wa cihwo] (F <sub>N</sub> )	bode/cabra
<i>njamba</i> [wa khuji] (M <sub>N</sub> )	<i>njamba</i> [wa cihwo] (F <sub>N</sub> )	elefante/aliá
<i>ombwa</i> [yulume] (M <sub>N</sub> )	<i>ombwa</i> [yukayi] (F <sub>N</sub> )	cão/cadela
<i>kaphela</i> ( <del>wa khuji ou wa cihwo</del> )	“serpente macho/fêmea”.	
<i>phuka</i> ( <del>wa khuji ou wa cihwo</del> )	“zângão/abelha”	

Nas LB, o traço de género, sim, está presente nos nomes dos animais aqueles que reúnem as características de [+sexuado], [+ visível] e recorrem aos lexemas *khuji/cihwo* que equivalem a macho e fêmea, funcionando como determinante e o nome a que se refere como determinado. O que se constata na língua Cokwe utilizada como representação das demais LB de Angola. Os exemplos de “kameshi, phembe, njamba” apoiam esta reflexão. Mas, “kaphela e phuka” como não têm sexo visível, logo, são incompatíveis de receber os determinantes “*khuji* e *cihwo*” como acima apresentado nos dois últimos exemplos de (10). A lógica de um animal ser macho ou fêmea fica até lá a presença do sexo, isto é, a detenção do sexo e visibilidade do mesmo justifica a atribuição de “macho e fêmea nos animais.”



## 2.5. Nomes de humanos

Os nomes que designam os humanos podem ser comuns de dois e sobrecomuns. Na verdade, são os nomes que identificam os homens e mulheres cujo sexo é o critério fundamental para os distinguir. Em LP a distinção pode ser, efetivamente, natural ou gramatical, mas o traço sexual é obrigatório.

(12) LP

o pai (M <sub>N</sub> )	a mãe (F <sub>N</sub> )
o genro (M <sub>N</sub> )	a nora (F <sub>N</sub> )
o tio (M <sub>N</sub> )	a tia (F <sub>N</sub> )
o avô (M <sub>N</sub> )	a avó (F <sub>N</sub> )

À luz dos exemplos acima, constatamos que todos nomes obedecem a um género masculino ou feminino, cujo sexo é o elemento principal, mesmo que os nomes tenham tido radicais, às vezes, diferentes.

(13) LP

a criança (F <sub>G</sub> )	a criatura (F <sub>G</sub> )	a pessoa (F <sub>G</sub> )
-----------------------------	------------------------------	----------------------------

o indivíduo (M<sub>G</sub>), etc.

A esses nomes, achamos que o género está marcado de maneira gramatical pelo facto de não se referir apenas às pessoas de sexo feminino. O entendimento do critério de atribuição do género é o sobrecomum, isto é, ultrapassa o nosso entendimento, ou seja, não respeita nenhum critério, mas, sim, arbitrariamente.

(14) LB

<i>tata</i> (M <sub>N</sub> )	<i>mama</i> (F <sub>N</sub> )	pai/mãe
<i>tata weno</i> (M <sub>N</sub> )	<i>mama weno</i> (F <sub>N</sub> )	sogro/sogra

Nas LB de Angola, em oposição ao que se viu em LP, os nomes que designam os humanos podem ser constituídos de radicais diferentes mas respeitando o critério sexo. Nesse caso, “tata” é distinto de “mama” termos para “pai e mãe” respectivamente, distinguem-se pela presença de sexo oposto a esses seres indicados. Por inerência de função indicadora não utilizam os determinantes lexicais “lunga e phwo”. No entanto, essa realidade não é a mesma para os nomes considerados genéricos na espécie humana. É o caso de nomes abaixo:

(15) <i>mwana</i> [ <i>wa lunga</i> ] (M <sub>N</sub> )	<i>mwana</i> [ <i>wa phwo</i> ] (F <sub>N</sub> )	filho/a
<i>yaya</i> [ <i>wa lunga</i> ] (M <sub>N</sub> )	<i>yaya</i> [ <i>wa phwo</i> ] (F <sub>N</sub> )	mano/a
<i>mukweze</i> [ <i>wa lunga</i> ] (M <sub>N</sub> )	<i>mukweze</i> [ <i>wa phwo</i> ] (F <sub>N</sub> )	rapaz/rapariga
<i>khakha</i> [ <i>wa lunga</i> ] (M <sub>N</sub> )	<i>khakha</i> [ <i>wa phwo</i> ] (F <sub>N</sub> )	avô/avó
<i>musonyi</i> [ <i>wa lunga</i> ] (M <sub>N</sub> )	<i>musonyi</i> [ <i>wa phwo</i> ] (F <sub>N</sub> )	primo/a

Os nomes acima seleccionados são de parentesco, ou seja, designam os membros de família e têm aspectos genéricos, ao mesmo tempo são tidos como comuns de dois. Assim, a distinção do género é possível recorrendo aos lexemas determinantes “lunga/phwo, diyala/muhatu, ulume/ukãyi e yakala/kento”. Os exemplos acima são da língua Cokwe para representar as LB de Angola.

Verifica-se, portanto, que sem os lexemas já ditos ao lado desses nomes, não é possível distinguir o género. Por isso, a cada nome genérico se associa à sua direita o lexema em questão, em posição de determinante, para o masculino “lunga” e para o feminino “phwo”. Para o efeito de concordância, o nome determinado junta-se ao seu determinante mediante o conector ditado pelo substantivo principal. Desta forma será:

**D<sup>do</sup> + pd-a + D<sup>te</sup>.**

(16) *mwana wa lunga*

/mu- ana + u- a + Ø- lunga/  
/PN1 BN + PP1-Vc + PN5 BN/  
[ND<sup>do</sup>-criança + C<sup>tor</sup>- de + ND<sup>te</sup>- homem]

*Mwana* é o determinado, *wa lunga* é o determinante. O elemento *wa* é o conectivo para a concordância com o substantivo a ser determinado. Por regra, os dependentes de nomes, em LB, colocam-se em posição posposta para concordarem com prefixo nominal do substantivo.

3. Implicação do género no falar quotidiano em Luanda

(17) *Mona wa diyala* “filho” Kimbundu

/mu-ana + u- a + di- yala/  
/PN1-criança-[ND<sup>do</sup>]+ PP1-de-[C<sup>tor</sup>] + PN5-homem-[ND<sup>te</sup>]/  
“Criança de homem”

(18) *Mwana kento* “filha”

/mu- ana + Ø- kento/  
/PN1-criança-[ND<sup>do</sup>]+ PP1-de-[C<sup>tor</sup>] + PN1-mulher-[ND<sup>te</sup>]/  
“Criança de mulher”

(19) *Mukweze wa lunga* “o jovem” Cokwe

/mu- kweze + u- a + Ø- lunga/  
/PN1- jovem-[ND<sup>do</sup>] + PP1-de-[C<sup>tor</sup>] + PN5-homem-[ND<sup>te</sup>]/  
“jovem de homem”

(20) *munzangala wamuhatu* “a jovem” Kimbundu

/mu- nzangala + u- a + mu- hatu/  
/PN3-jovem-[ND<sup>do</sup>] + PP3-de-[C<sup>tor</sup>] + PN1- mulher-[ND<sup>te</sup>]/  
“jovem de mulher”

(21) *kuku wulume* “o avô” Umbundu

/Ø-kuku + u- a + u- lume/  
/PN1-avô-[ND<sup>do</sup>] + PP1-de-[C<sup>tor</sup>] + PN1-homem-[ND<sup>te</sup>]/  
“avô de homem”

(22) *kuku wukāyi* “a avó” Umbundu

/Ø-kuku + u-a + u-kāyi/

/PN1-avó-[ND<sup>do</sup>] + PP1-de-[C<sup>tor</sup>] + PN1-mulher-[ND<sup>te</sup>]/

“avó de mulher”

Na base dessas expressões acima vindas da LB é mais perceptível no português quotidiano o seguinte:

- |      |    |                 |           |             |
|------|----|-----------------|-----------|-------------|
| (23) | a. | avô de homem    | em vez de | o avô       |
|      | b. | avó de mulher   | em vez de | a avó       |
|      | c. | filho de homem  | em vez de | o filho     |
|      | d. | filho de mulher | em vez de | a filha     |
|      | e. | rapaz de menina | em vez de | a rapariga. |
|      | f. | jovem de homem  | em vez de | o jovem.    |

Sem dúvida nenhuma, os exemplos em (23) indicam que os nativos de LB, que têm o género formado, usando os lexemas determinantes “homem, mulher”, para os nomes humanos, não se asseguram de que dizer “o avô, a avó, o filho, a filha, o jovem, a jovem” já contém o género. Desta maneira, só é correto quando se associa ao nome um determinante lexemático como já referenciado, em várias ocasiões acima. Ademais, temos a reprodução das mesmas expressões utilizando os determinantes do português nestes moldes em (24):

- |      |    |   |
|------|----|---|
| (24) | a. | <i>O meu filho [de homem] me levou no hospital.</i> |
|      | b. | <i>O meu filho [de mulher] é que paga a casa.</i>   |
|      | c. | <i>Pai, o avô [de homem] disse para lhe ligar.</i>  |
|      | d. | <i>A amiga dela [de mulher] é da escola dela.</i>   |

Fora de todas as expectativas, essas expressões em (24) assim construídas só são compreendidas e têm significados exclusivamente junto das populações de cultura bantu, cujas realidades linguísticas estejam relacionadas. Os falantes do português de outras latitudes, caso de Portugal ou Brasil, dificilmente e quase nunca poderão perceber o significado dessas construções e a que remetem semanticamente. Mais uma vez, trata-se, aqui, de uma característica linguística, a tomar em conta aquilo que é o falar do português nos países africanos, conseqüentemente, identidade da variedade africana do português, o caso concreto português falado em Angola.

## Considerações Finais

A língua tem uma constante dinâmica ao longo do tempo e em cada espaço onde vivem e convivem mais línguas e culturas. Angola é um país pluriétnica e multilíngue. O multilinguismo em Angola explica-se pela existência das línguas Bantu a coabitarem com a língua Portuguesa, esta como língua oficial e de escolarização no país. É preciso realçar que as comunidades esmagadoras de origem Bantu não são escolarizadas suficientemente e obrigadas a falar o português, adaptam-no em suas culturas. Desta visão, surge a nossa preocupação que se prende com o uso do traço “género” nos substantivos de bantu para a fala da língua portuguesa.

Como é incontornável o contato de línguas no espaço angolano, os falantes do português em Luanda e em várias províncias angolanas aplicam o género dos substantivos, seguindo as normas de convívio sociolinguístico, isto é, o género baseado no critério sexo, pois é natural. A lógica da cultura e línguas Bantu é que, os substantivos designando os objetos, abstratos, concretos não-contáveis, massa e líquidos não possuem sexo; por conseguinte, têm o género zero ( $\emptyset$ ), ou seja, não se marca o género a esses substantivos. Em Bantu, apenas os substantivos humanos e animais são susceptíveis de género. Para esses, o critério de sexo é indispensável.

A marcação contempla um substantivo determinado mediado por um conectivo e um lexema determinante cujo significado remete para “mulher, homem”; para os nomes animais, aqueles de facto que têm o sexo visível recorrem aos lexemas com significado de “fêmea e macho”, funcionando como determinantes. Semanticamente, os falantes da língua portuguesa, em Angola constroem enunciados como “filho de homem”, “filho de mulher”, “avô de homem”, “avó de mulher”, “jovem de homem”, “jovem de mulher” em que os lexemas “homem” e “mulher” têm o privilégio de identificar o género do ser em questão. Portanto, são as implicações de marcação do género em línguas Bantu presentes no falar do português em Luanda, quiçá em todas as províncias fruto desse constante contato das línguas neste território.

## Referências

- ANDRIAMAMONJY, P. (2000). Le rôle du genre gramatical au cours de la reconnaissance de noms. *L'année psychologique*, vol. 100, nº 3. pp. 419-442.
- ARMELIN, P. (2014). Classifying Nominals in Brazilian Portuguese: a Unified Account for Gender and Inflectional Class. In: JANEBOVÁ, L.V. (Org). *Complex visibles out there: language use and linguistic structure*. 1ed. Olomouc: Palacký University, pp. 67-82.

- AUGUSTO, M. R. A.; CORRÊA, L. S. (2005). Marcação de género, opcionalidade e genericidade: Processamento de concordância de género no DP aos dois anos de idade. *Linguística*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, p. 207-234.
- AZEREDO, M. O. et al. (2015). *Gramática prática de português, da comunicação à expressão*, 3º Ciclo e Ensino Secundário, Lisboa Editora.
- BUSCH, A.; STENSCHKE, O. (2014). *Germanistische Linguistik*. Tübingen: Narr.
- CANÇADO, M. (2013). *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Contexto, São Paulo.
- CARVALHO, D. (2018). O traço de género na morfossintaxe do português. *D.E.L.T.A*, vol.34, nº2, pp. 635-660.
- CORBETT, G. G. (1991). *Gender*. Cambridge University Press, London.
- GALLISSON, R.; COSTE, D. (1983). *Dicionário de Didáctica das Línguas*. Livraria Almedina, Coimbra.
- LAGARDE, M. (1996). *La multidimensionalidad de la categoría género y del feminismo*. Ediciones Episteme, SL.
- MIGUEL, M. H. S.; ALVES, M. A. (2016). *Saber+ Manual de Língua Portuguesa para o ensino universitário*. Edição de autores, Luanda.
- ROCHA, A. (1997). *Termos Básicos de Literatura, Linguística e Gramática*. Edição 6711, Publicações Europa-América, Mira- Sintra.
- YULIUVA, F. G. (2006). “Acerca del género como categoría analítica”. *Nómadas Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas*. Nº 13. Universidad de Oriente Santiago de Cuba.

#### ABREVIATURAS

C <sup>tor</sup>	Conectivo ou conector
D <sup>te</sup>	Determinante
D <sup>do</sup>	Determinado
G <sub>0</sub>	Género zero ou nulo
LP	Língua Portuguesa
LB	Línguas Bantu
ND <sup>do</sup>	Nome determinado
ND <sup>te</sup>	Nome determinante
PN	Prefixo Nominal
BN	Base Nominal
F <sub>G</sub>	Feminino gramatical
M <sub>G</sub>	Masculino gramatical
F <sub>N</sub>	Feminino natural

M <sub>N</sub>	Masculino natural
Pd	Prefixo dependente ou pronominal
Vc	Vogal do conectivo

Recebido em: 15/04/2024

Aceito em: 18/08/2024

**Para citar este texto (ABNT):** SASSUCO, Daniel Peres. Implicação morfossemântica da categoria “género” dos nomes bantu no português falado em Luanda. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), Vol.4, nº 2, p. 64-80, ago.2024.

**Para citar este texto (APA):** Sassuco, Daniel Peres (ago.2024). Implicação morfossemântica da categoria “género” dos nomes bantu no português falado em Luanda. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (2): 64-80.

